

VIRGINIA WOOLF E JANE AUSTEN: LEITURAS CENTENÁRIAS

Prof. Dr. Davi Ferreira de Pinho (UERJ)

Prof.^a Dra. Maria Aparecida de Oliveira (UFPB)

Prof.^a Dra. Maria Rita Drumond Viana (UFOP/UFSC)

Prof.^a Dra. Nícea Helena de Almeida Nogueira (UFJF)

Prof.^a Dra. Patrícia Marouvo Fagundes (UERJ)

Organizadores deste número

Esta edição da IPOTESI Revista de Estudos Literários, v. 26, n. 1, de jan./jun. 2022, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais, recebeu contribuições que promovem diálogos entre a obra woolfiana e a obra austeniana, recuperando e expandindo as leituras encaminhadas pela crítica especializada na celebração do centenário da publicação do ensaio de Virginia Woolf, intitulado “Jane Austen Practising” (1922), cujas repercussões ainda hoje informam possíveis leituras da obra austeniana. As impressões de Woolf sobre a juvenilidade de Jane Austen coletadas no ensaio de 1922 revelam alguns dos traços que dariam a Austen um lugar cada vez mais privilegiado na ideia woolfiana de tradição. Afinal, já neste ensaio Woolf afirma que a voz da escritora circunscreve os mundos e as personagens que cria, claramente delimitando o horizonte das experiências femininas e ironicamente esboçando um riso que pode colocar este mesmo horizonte em tensão. Tomando parte neste ano de celebrações centenárias dos modernismos globais, este número da IPOTESI reúne trabalhos que tematizam a presença de Jane Austen na escrita woolfiana — seja em seus romances, contos, ensaios, diários, cartas, ou quaisquer outros escritos — e/ou que investiguem a relevância do legado austeniano para que Woolf enquadrasse as discussões modernistas em torno da tradição e do talento individual de outra maneira, por meio da frase ou “sentença feminina” de Austen que Woolf resgata em *Um quarto todo seu* (1929).

Dentre os artigos que compõem o Dossiê desta edição da IPOTESI, destacam-se a recuperação de leituras materialistas da obra de Jane Austen e Virginia Woolf, além da aproximação realizada com outras escritoras que ensejam o pensamento acerca de questões estéticas e políticas. Em “Gênero e raça: o contexto de produção de autoria feminina de Jane Austen e Maria Firmina dos Reis”, Ernesto Dias e Souza e Nícea Helena de Almeida Nogueira estabelecem um paralelo entre o contexto de produção de Jane Austen e de Maria Firmina dos Reis, pensando como a produção literária de ambas, mais especificamente, *Emma* (1815) e *Úrsula* (1859), é informada pelas questões de gênero e pela questão racial, no caso da escritora brasileira. Já em “*Orgulho e Preconceito* (1813), de Jane Austen: subversão e submissão a partir das personagens Elizabeth e Jane Bennet”, Francisco Edinaldo de Pontes e Francis Williams Brito da Conceição fazem uma leitura das irmãs Elizabeth e Jane Bennet de modo a pensar comportamentos e/ou representações possíveis para mulheres na sociedade patriarcal pré-vitoriana. Se Elizabeth apresenta uma postura mais transgressora, seja em seu não conformismo ou no apego à leitura, Jane, por outro lado, revela uma postura mais submissa por conta de sua neutralidade e candura.

Gabriel Leibold, em “Entre Woolf e Butler: Leitoras, leitores e releituras de *Antígona*”, estabelece um diálogo entre as leituras possíveis que Butler e que Woolf fazem da peça *Antígona*, de Sófocles, pensando que a quebra da patrilinearidade possibilita outras conexões e lealdades familiares. Além disso, Leibold também dá destaque à questão de gênero, trazida na peça, e como ela é desenvolvida no ensaio *Três guinéus* (1938) e no romance *Os anos* (1937), de Virginia Woolf. Também atentando à questão de gênero, Juliana Pimenta Attie e Maria Clara Pivato Biajoli, em “Os laços literários e políticos que unem Virginia Woolf e Jane Austen na contestação da sociedade patriarcal”, fazem uma leitura materialista da produção woolfiana e

da produção austeniana, desmistificando a reputação que Woolf e Austen receberam de críticos e biógrafos como “grandes autoras clássicas”, que tratariam de temas universais e supostamente “neutros”. O artigo exemplifica como a questão de gênero se traduz em diversas obras das autoras e explica por que essa questão é política.

Fazendo um movimento interessante, o texto “Notas sobre a frase ‘perfeitamente natural’: a estética de Jane Austen a partir de Virginia Woolf”, de Lucas Leite Borba e Maria Aparecida de Oliveira, pontua possíveis ecos da sentença feminina de Austen na obra woolfiana, utilizando cenas do romance *Persuasão* para refletir sobre a temática explorada por Woolf em *As ondas* (1931) e “Profissões para mulheres” (1931). Ainda pensando o legado de Jane Austen na obra de Virginia Woolf, Maria do Carmo Balbino Galeno e Juliana Maia de Queiroz, em “Jane Austen e Virginia Woolf: Anjo do Lar ou Judith Shakespeare?”, lidam com construtos binários do ser mulher nas sociedades dos séculos XIX e XX, oferecendo as seguintes opções às mulheres escritoras: seguirem as prescrições do Anjo do Lar ou atender ao chamado de Judith Shakespeare, cuja vida ficcional tanto faz referência às dificuldades materiais do passado quanto sinaliza um esforço comum para que sejam estabelecidas melhores condições futuras.

Por fim, em “A voz do texto poético e a androginia sob a ótica da *écriture féminine*: um diálogo entre Virginia Woolf e Hélène Cixous”, Mariana Muniz Pivanti estabelece um diálogo entre a *écriture féminine*, de Cixous, e a androginia, de Woolf, pensando os sons que escapam a linguagem patriarcal e permitem uma volta ao estado pré-Edípiano seja pela escrita ou pela voz. Para isso, Pivanti utiliza a cena da pedinte no romance *Mrs. Dalloway* (1925), sugerindo que a voz poética seria o som frágil e trêmulo de uma mulher devastada, cuja subjetividade se encontra fora do centro, isto é, fora da tradição engendradora pelo sistema simbólico masculino. Desse som frágil e trêmulo em *Mrs. Dalloway* passamos ao riso em “Uma leitura woolfiana de *Pride and prejudice* e *Persuasion*, de Jane Austen”, de Patricia Marouvo Fagundes, Aeolane Coelho Sousa, Keyse Kerolayne Levy e Maria Suelen Lins dos Santos. O artigo mapeia a sentença feminina, segundo Woolf em *Um quarto todo seu*, nos romances *Orgulho e preconceito* e *Persuasão*. Sua leitura situa a produção da obra austeniana na tradição literária feminina, considerando a contribuição da autora para uma quebra da sentença masculina, promovendo o riso, que ironiza e critica as convenções literárias e sociais da Inglaterra georgiana.

A revista IPOTESI também possui a seção “Outros Textos” que abriga artigos que não são contemplados pelo tema do Dossiê, mas que possuem relevância na área dos Estudos Literários. O primeiro texto da seção, “A assinatura vocal de Flávio Venturini”, já deixa claro um entendimento amplo do escopo da área. Alex Sandro Martoni, Carla Andréa Guimarães Pinto e Edmon Neto de Oliveira focam na obra musical do mineiro Flávio Venturini, abordam-se diversas facetas de sua assinatura vocal, entendida pelos autores como a articulação de performance, temática e estrutura.

O segundo artigo intitulado “Cartas e memórias em obras de Zélia Gattai” também tem como objeto um tipo de escrita que também transborda os limites da literatura ficcional ou mesmo da lírica, considerando os usos que Zélia Gattai faz de cartas em sua biografia. Mais especificamente, Érica Fernandes e Nícea Nogueira lidam com a correspondência passiva da autora e investigam o diálogo entre as missivas recebidas e o fazer autobiográfico da escritora.

Já Letícia Romariz concentra seu estudo, “Considerando as estratégias carnavalescas da mulher preta e gorda: novos caminhos”, em um poema de Grace Nichols, publicado em seu *The fat black woman's poems*, de 1984. Adotando uma perspectiva bakhtiniana do carnavalesco, a autora discute o papel do erótico e do autoconhecimento como questionamentos das situações de exclusão em que o corpo da mulher preta e gorda se vê.

O foco amplia-se novamente no artigo seguinte, “*Deus ex machina*: da modernidade bélica ao homem-máquina”, em que são considerados dois movimentos de vanguarda distintos

mas relacionados: o futurismo e o cubofuturismo. Luigi de Carvalho Caruso e André Pires defendem que a virtualização da economia, processo que começa com o neoliberalismo, promove a interiorização da máquina, chegando assim a um grau mais radical da imaginação técnica.

Luiz Guilherme Amorim de Castro e Ana Beatriz Gonçalves tratam não de movimentos, mas de gêneros literários que consideram distintos e interrelacionados: o *chick-lit* e o *chica-lit*, no artigo “Relações textuais nos gêneros *chick* e *chica-lit*: vozes femininas na literatura em língua inglesa contemporânea e suas inspirações”. Como exemplares desses gêneros, trazem *O diário de Bridget Jones* e *The dirty girls social club*, respectivamente, para análise, apoiando-se em Riffaterre, Génette e Allen como suporte teórico. Outro artigo que lida com as literaturas em língua inglesa é “A descrição como recurso narrativo em *Meridiano de sangue*, de Cormac McCarthy”, de Mikael de Souza e Lajosy Silva, que adotam uma perspectiva narratológica em sua consideração do uso da descrição por Cormac McCarthy em seu *Meridiano de sangue*.

Eliane Vasconcellos e Moema Mendes, por sua vez, promovem a volta aos arquivos para recuperar e divulgar a obra de Corina Coaraci e suas publicações em diversos periódicos no Brasil e no exterior no final do século XIX. O artigo “O desafio da edição anotada: as crônicas de Corina Coaraci publicadas na *Ilustração do Brasil*” também comenta aspectos da edição comentada dessa cronista descendente de mãe estadunidense e pai brasileiro.

Por fim, o último artigo desta seção, “A identidade cultural do sujeito diaspórico em *Um defeito de cor*”, também considera a representação de uma sujeita diaspórica, a ficcional protagonista de *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. Publicado em 2006, o romance histórico é, para as autoras Gabriella Gargalhão Antunes e Shirley Carreira, um exemplo de neonarrativa de escravidão, de acordo com a definição proposta por Ashraf Rushdy em 1999.

Na seção “Tradução”, o texto “Virginia Woolf leitora de Joyce: o testemunho de suas cartas em tradução para o português do Brasil”, de Maria Rita Drumond Viana, traz uma relevante contribuição sobre como Woolf reagiu ao romance *Ulysses* de James Joyce, a partir da tradução dos trechos das cartas em que Woolf se refere a *Ulysses*, seriam sete (7) no volume II e uma (1) no volume III das cartas editadas por Nigel Nicolson e Joanne Traufmann e o fac-símile da carta datilografada à Harriet Weaver. A tradutora aborda as escolhas linguísticas e as questões de sonoridade levadas em conta durante as traduções. Após a leitura do texto e das cartas, questiona-se se Woolf cometeu um erro ao não considerar o romance como “a obra mais importante de nossos tempos”, como afirma Eliot, justificando seu tédio durante à leitura devido à extensão da obra e a não publicação devido às limitações dos equipamentos.

Wendell Guiducci, jornalista e Doutor em Estudos Literários, transcreve, neste número da IPOTESI, sua “Entrevista com Marina Colasanti” sobre a minificção brasileira. Tendo construído sua carreira literária atuando como jornalista, Colasanti dedicou-se, também, a escrever minificção. Na entrevista, a autora reflete sobre as relações entre a prática jornalística e o aspecto particular da brevidade na literatura, como também sobre as possíveis relações entre a crônica e a minificção, que ajudou a popularizar no Brasil.

Na seção “Escrita Criativa”, contamos com os poemas “No côncavo da mão morta”, do Professor Dr. José D’Assunção Barros (UFRRJ / UFRJ); “Poema da infância”, da mestranda Isabella Morelli Esteves (UERJ); “O mais profundo é a pele”, do mestrando Luigi de Carvalho Caruso (UFJF); “EnvelheSer”, dos enfermeiros Saulo Barreto Cunha dos Santos (Sobral, Ceará), Santeza de Maria Nunes Moita (Tanguá, Ceará), Naiara Teixeira Fernandes (Ubajara, Ceará) e Jocélio Tavares da Silva (Sobral, Ceará); o conto: “Sonho?”, do Professor Dr. Pedro de Freitas Damasceno da Rocha (IF Sudeste MG - Juiz de Fora), e os versos em prosa “Aquarela / Pássaro-poeta / Nostalgia”, da psicóloga e doutoranda Tania Angelita Iora Guesser.

Os textos aqui apresentados ofereçam a oportunidade do debate acadêmico, assim como a fruição estética da leitura de poemas e de ficção. Esperamos que o leitor tenha o prazer de apreciar o instigante e rico diálogo entre Austen e Woolf. E, além disso, que o leitor possa

aproveitar ao máximo a seção de “Outros textos”, que oferece ao público textos de grande importância para a área de Estudos Literários. Ademais, o leitor terá o prazer de acompanhar uma agradável e interessante conversa com a escritora Marina Colassanti. Por fim, a seção “Escrita Criativa” proporcionará um deleite de apreciar os textos de autores que refletem, por meio da prosa ou poesia, sobre nossos tempos pandêmicos e atuais.